

LINGUAGEM, COMPOSIÇÃO DRAMÁTICA E IDENTIDADE – ANALISANDO PROCESSOS DE ESCRITA DE DRAMATURGOS LGBTQIA+ BRASILEIROS¹

Gabriel Goularti², Stephan Arnulf Baumgärtel³.

¹ Vinculado ao projeto “Processos atuais de formação de dramaturgos no Brasil - Pressupostos teóricos, contextos sócio-políticos e procedimentos poéticos nas didáticas da escrita teatral: analisando cinco projetos de formação de dramaturgos no Brasil (2000-2020)”

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em Teatro – CEART – Bolsista PROBIC

³ Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – stephao08@yahoo.com.br

O presente resumo discorre a respeito de minha atuação e pesquisa realizados no decorrer do projeto então citado. A pesquisa concentra-se no estudo das práticas de escrita de diferentes dramaturgos brasileiros, com ênfase em escritores LGBTQIA+, para que se discuta o papel da linguagem enquanto criadora de realidades subjetivas e materiais na vida de pessoas *Queer* dentro das perspectiva do texto teatral. Ademais, a pesquisa, também, volta-se para a discussão e reflexão daquilo que configura, hoje, uma dramaturgia pós-dramática brasileira e qual seu papel de transformação simbólica e social dentro das discussões de gênero e sexualidade.

O projeto partiu, inicialmente, da revisão bibliográfica de materiais que debatem, questionam e repensam as possibilidades poéticas, políticas e performáticas do drama moderno e da dramaturgia pós-dramática. Entendendo que o teatro pós-dramático se furta a cumprir as normas do cânone dramático pela necessidade de comportar uma nova realidade social não contemplada anteriormente no drama, abrem-se portas para explorar a transgressão e subversão de paradigmas literários hegemonicamente estabelecidos – a dilatação do uso da linguagem.

A seguir, partiu-se para a entrevista com dramaturgos LGBTQIA+ brasileiros. Inicialmente, visitou-se o trabalho de Ronaldo Serruya, escritor gay e soropositivo. Em sua peça “A Doença do Outro”, o autor trata da sua relação com o HIV ao pegar emprestado conceitos de Patricia Hill Collins, Grada Kilomba, Paul B. Preciado, Audre Lorde e Judith Butler – todos esses autores põem em palavras, não só às opressões, mas às múltiplas subjetividades de viver enquanto corpos discidentes (ou seja, transportam uma experiência a um sistema linguístico). Em conversa com Serruya, apontamos o papel da linguagem não apenas como instrumento de dominação, mas, também, como ferramenta de resistência; da necessidade da criação, recriação e apropriação de termos como forma de construção de identidade e do protagonismo de corpos discidentes na escrita de suas próprias dramaturgias. Em suas palavras: “Se você não escrever a sua narrativa, outra pessoa vai escrever por você. E eles vão te escrever de uma forma rasa.” Não somente, a entrevista também visou entender os modos de Ronaldo iniciar um processo de escrita, seja individual ou coletiva, uma vez que o projeto objetivava a realização de oficinas de dramaturgia, ministrada pelo pesquisador aqui presente, inspirado nas trocas acumuladas durante as entrevistas.

Entretanto, a bolsa foi cancelado devido ao afastamento de meu orientador para estágio pós-doutoral e a pesquisa descontinuada. Dessa forma, nenhum outro dramaturgo pode ser entrevistado, as oficinas jamais aconteceram e o debate acerca da linguagem nas dramaturgias *Queer* enquanto formadora de realidade permanece inconcluso. Uma grande frustração e de certa maneira revoltante vivenciar esse obstáculo burocrático para fazer as vozes trans serem ouvidas.